

O que faremos com o futuro

» MARCELO COUTINHO

Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Mas somente o capital também não resolve tudo. A China é o exemplo mais recente de como o capitalismo global pode beneficiar todo um povo. A potência asiática não era nada até 1978. Foram as reformas econômicas em direção ao mercado bem orientadas que fizeram com que os chineses pudessem ter um teto com privada saneada, água encanada, luz, roupas dignas e, sobretudo, refeições diárias. A China sempre passou por terríveis crises de fome em massa, muito antes de existir capitalismo no mundo. Por sinal, uma das piores fomes foi no auge do comunismo chinês nos anos 1960.

Sem capital não tem bolsa família, não tem crianças nas escolas, não tem hospitais públicos, nem celulares, alojamento estudantis, metrô ou pontes. Mas nada disso significa que o mercado é uma espécie de santo graal da racionalidade. O mercado, frequentemente, é muito irracional. As bolsas de valores dão provas disso toda semana. Tampouco o mercado precisa que todos os agentes sejam privados para gerar desenvolvimento. Os melhores desempenhos nos últimos tempos no Brasil têm sido de empresas e bancos públicos. As universidades no país são outra prova de que o público e federal pode ser muito melhor do que o privado, ainda mais, justamente, em pesquisa científica e desenvolvimento.

Até as guerras que sempre acompanharam a humanidade reduziram muito sua incidência e

suas mortes nas últimas décadas quando a globalização se aprofundou. A hiperglobalização trouxe uma era de relativa paz, ainda que não perpétua. E tudo pode mudar. A guerra na Ucrânia é prova disso. De repente, lá estamos nós de novo às voltas com uma ameaça da terceira guerra mundial. Nem todos os avanços obtidos são suficientes para garantir um futuro melhor. Guerra, pandemia e fome reocupam a agenda global. O capitalismo também agravou problemas, como o aquecimento do planeta e a violência urbana. Nem tudo de bom veio junto, como imaginava a teoria da modernização de 70 anos atrás.

Em que pese os desafios que a humanidade tem pela frente, é preciso consciência do quanto já progredimos na civilização. Estamos às portas de uma nova grande crise financeira global. Essas crises cíclicas aumentaram sua frequência na globalização e se tornaram mais devastadoras. Uma decisão errada, e podemos colocar tudo a perder. O mercado e a democracia foram as instituições pelas quais superamos atrasos seculares. Porém, o mercado não pode ser deixado por ele mesmo. É preciso intervenções pontuais para corrigir suas distorções. Nada contra os bilionários. Muitos deles fizeram por merecer. Mas, evidentemente, devemos produzir uma nova engenharia social que diminua tanta desigualdade que as tecnologias disruptivas podem agora tornar insustentáveis.

Valorização de professores: caminho a percorrer

» HAROLDO CORREA ROCHA

Coordenador-geral do Movimento Profissão Docente

» HELOISA MOREL

Diretora executiva do Instituto Península

“Quando eu crescer, quero ser professor.” Essa é uma afirmativa muito comum, especialmente entre meninas, por motivos econômicos, sociais e culturais que a história ajuda a entender. Esse desejo pode ser explicado pelo fato de a docência ser umas das profissões mais presentes na vida das crianças: todos os dias, muitas horas por dia, por décadas. Outro dos fatores tem relação com o fato de o ensino e a aprendizagem serem fenômenos relacionais, e não são poucas as histórias de vínculos transformadores entre alunos e seus professores.

Pesquisa feita no Chile, que procura medir a valorização social da profissão naquele país, questiona a posição das famílias sobre a seguinte afirmação: “Eu apoiaria meu filho se ele quisesse estudar para ser professor”. Não conhecemos — embora possamos intuir — as respostas dos brasileiros, mas sabemos que apenas 5% dos nossos jovens, no momento da escolha profissional, decidem ser professores. Desses 5% que desejam ingressar na docência, a maioria são mulheres (61%), com renda de até R\$ 1.999 (49%), de escolas públicas (90%), de cidades com menos de 100 mil habitantes (41%), filhos de professores (25%).

Isso fala muito a respeito de uma profissão cujos protagonistas — os professores — são, como apontam as pesquisas, o fator intraescolar mais relevante para a aprendizagem dos alunos. Em um país que ocupa os

últimos lugares no ranking de desempenho de estudantes e pode ter, pós-pandemia, um retrocesso de até 10 anos nos resultados desses alunos nas avaliações nacionais, esse não é um fator periférico.

De acordo com a pesquisa “Valorização da carreira docente: um olhar dos professores”, realizada em 2021 pelo Instituto Península, 77% dos professores acreditam que sua profissão não é valorizada no Brasil e 74% afirmam que não são respeitados pela sociedade em geral.

Jovens que não cogitam a ideia de se tornarem professores julgam que a profissão não vale a pena. O que desmotiva para a escolha da carreira são estereótipos e senso comum: “não tenho paciência ou vocação”; “ser professor é complexo ou desafiador demais” ou ainda “professor ganha muito mal e não vou conseguir sustentar a minha família”.

Ensinar é de fato uma tarefa complexa, que mobiliza e conecta diferentes tipos de conhecimentos, abarca múltiplos objetivos, para alunos com necessidades diversas. No caso de países muito desiguais como o nosso, acrescenta-se o contexto de vulnerabilidade social que torna a equação ainda mais desafiadora. Porém, não é uma escolha para vocacionados, muito pelo contrário: requer alto grau de profissionalização, o que justifica as discussões sobre remuneração que ganham espaço nos últimos anos. Discussões com alto grau de relevância e já com indicadores de

sucesso, mas que não abarcam todas as necessidades de uma profissão que demanda urgente revisão.

Nos países mais bem posicionados nas avaliações internacionais — como Alemanha, China, Cingapura, Coreia do Sul, Estônia, Finlândia, Japão, Polônia ou Suécia — professores gozam de prestígio social para além de condições atrativas de carreira. A formação é rigorosa, o ingresso na profissão é concorrido e está garantido um lugar de respeito e destaque na sociedade.

A Frente Parlamentar Mista de Educação lançou a Campanha de Valorização e Desenvolvimento Docente, na Câmara dos Deputados em Brasília/DF, reconhecendo deputados e senadores que demonstraram seu compromisso com os professores brasileiros, formulando ou fazendo a relatoria de projetos de leis voltados para os temas centrais da agenda para professores: atratividade, formação inicial, carreira e satisfação. São avanços importantes, mas não suficientes. Há um caminho longo a percorrer.

Políticas públicas voltadas para a valorização e o desenvolvimento de professores é o caminho mais rápido para conseguirmos a qualidade de que nossa educação precisa, posicionando-a como parte fundamental da estratégia de desenvolvimento de nosso país. Essa ideia precisa estar nos radares daqueles que tomam decisões e formulam nossas leis. Essa é a urgência. Esse é o convite.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Vaidade. Tudo é vaidade

Um dos maiores problemas decorrentes da polarização política extremada é que aqueles que se encontram equidistantes desses pontos, e representam a grande maioria da população, são, justamente, os que mais sofrem com os efeitos dessas radicalizações irracionais. Primeiro, seja quem for o vencedor do pleito, não haverá, por birra política, continuidade de programas e projetos, interrompendo, muitas vezes, projeto vitais e de interesse exclusivo da população.

Esse tem sido um dos principais motivos pelos desperdícios e pelos prejuízos bilionários acarretados com obras e programas sociais, abandonados ou empurrados para um futuro incerto. Por outro lado, o que se verifica, como consequências dessas radicalizações de posições, é que a prepotência faz com os novos governantes comecem do zero, como se o Brasil fosse redescoberto, depois de cinco séculos, refazendo o que está feito e desfazendo o que não foi concluído. É nesse vaivém que o país não sai do lugar.

Estamos metidos ainda, em pleno século 21, em disputas ideológicas, enquanto o resto do mundo avança em novas tecnologias, investindo pesado em pesquisas e planejamento para o futuro. Em meio à polarização insana e improdutiva das disputas políticas pelo controle da máquina do Estado, sobram para a sociedade as balas e os obuses perdidos, vindos de uma parte e de outra, a atingir, indiscriminadamente todos.

Vaidade das vaidades. Tudo é vaidade e aflição de espírito. “Aquilo que é torto não se pode endireitar” (Eclesiastes 1). É com um ensinamento como este, vindo de um passado milenar, que devemos pôr nossos sentidos. Ao longo de toda a história humana, que proveitos tiveram aqueles povos colocados no meio caminho entre disputas bárbaras senão a destruição?

É justamente nessa aflição de espírito que vamos ao encontro de outubro, certos de que, depois desta data, não cessarão as agonias e por uma razão simples: os extremos nessa disputa estão, cada um, ao seu modo e com seus vícios, de um lado do precipício. Não se enxerga no horizonte nenhum programa consistente de governo. Tudo são xingamentos e acusações. Há, sim, um programa de ódio, armado como uma bomba que detonará, na hora certa, sobre a cabeça de todos, sobretudo daqueles que nada têm a ver com essas pelepas nem nada esperam delas.

» A frase que foi pronunciada

“Nunca se mente tanto como antes das eleições, durante uma guerra e depois de uma caçada.”

Otto von Bismarck

Pratas da Casa

» David Chatelard, da engenharia mecatrônica da Universidade de Brasília (UnB), representa a capital federal e o Brasil com toda a turma de divisão de robótica inteligente em exposições e competições.

Tão simples

» Passear a pé pela Asa Norte é diferente de passear no Lago Norte por uma razão. O bem comum. Para os donos de cães do Lago Norte, recolher as fezes do animal é uma cena impossível. Por isso, ao longo das calçadas, os excrementos compõem a paisagem de uma das áreas mais nobres de Brasília. Na Asa Norte, saquinhos para esse fim estão disponíveis para a colaboração como cidadãos.

Brasília

» Um fenômeno social acontece perto da Colina, na L3, residência dos professores da UnB. Uma cena totalmente bizarra. Barracos de lona ao longo da pista de um lado, com crianças descalças brincando na terra vermelha, uma mesquita luxuosa, de arquitetura refinada de outro. Os barracos que invadem a avenida são a moradia de carroceiros que juntam todo tipo de material reciclável. Mereciam viver em um lugar decente, legalizado, para que exerçam essa importante atividade.

Preparação

» Poucos no mundo sabem que na Amazônia acontece um carnaval genuinamente raiz, onde o folclore amazense se mistura com a tradição local. É hora de o *Carnaboi* ganhar os continentes.

» História de Brasília

Já foi iniciado o combate às invasões no Plano Piloto. A Secretaria do Interior e o DFLO da prefeitura estão retirando os barracos, e já limpam as superquadras 301, 302 e 303. (Publicada em 1/3/1962)